

**Em homenagem a J3sus de Alvarenga Bastos, compartilhamos
caminhos de coragem e empatia.**

C3lia F. P. Linhares

*"O passado s3 se deixa fixar, como imagem que relampeja,
irreversivelmente, no momento em que 3 reconhecido."*

Walter Benjamin

Quando soube de tua morte, J3sus, fagulharam em mim m3ltiplas imagens do teu percurso acad3mico e humano. Nessa conjun33o de perspectivas percebia que no longo per3odo de tua travessia na nossa Universidade, desde o in3cio, quando nos conhecemos, experimentamos esperanças, ameaças, ambiguidades e contradições que cobravam decis3es fortes. Eram os anos setenta! Ali, faiscaram e se potencializaram tua coragem e empatia para afirmar e expandir a vida e, de forma particular, tua vida nas esferas acad3micas e institucionais da UFF e, logo, fora dela, na ANPED, por exemplo.

Nos anos 70, na sociedade brasileira como um todo e, particularmente, nas instituiç3es universit3rias transitavam movimentos de modernizaç3o que interessavam, em princ3pio, tanto às organizaç3es progressistas e de esquerda como as dos conservadores, chegando at3 a entusiasmar os reacion3rios.

Uns e outros, com diferentes matrizes e matizes ideol3gicas, lutavam pela ampliaç3o das vagas universit3rias que cresciam numericamente, mas encolhiam no que se referia ao exerc3cio da liberdade sob o peso e o preç3o do acirramento do golpe militar, que n3o s3 lutava por uma privatizaç3o crescente como pisoteava o estado de direito com as arbitrariedades das pris3es de professores e estudantes e com os cerceamentos das liberdades de pesquisa, ensino e extens3o.

As lutas e as conquistas nas matr3culas, na gest3o universit3ria e no cotidiano da sala de aula foram sufocadas pela ferocidade no prender, torturar, assassinar e eliminar estudantes e professores fazendo "desaparecer" os mais vis3veis, porque talvez fossem os mais entusiasmados defensores da Democracia.

Minha entrada na UFF ocorreu nos meados dos anos 70, quando o golpe militar recrudescia com o AI 5, promulgado em 68, e as faculdades isoladas foram emuladas a se organizarem como universidades. Todo esse movimento foi entrecruzado sob a promessa de dias auspiciosos, com lucros advindos do desenvolvimento econômico, sob a batuta da repressão que parecia não ter limites para impor padrões à academia, submetendo-a às regras da produção industrial capitalista.

Cheguei à Universidade Federal Fluminense, indicada por Eulina Fontoura, e trazia, além do meu temor, a minha experiência docente na Universidade Federal do Maranhão e um título muito valorizado na época, o de Mestrado em Filosofia e Sociologia da Educação, pela Michigan State University, nos Estados Unidos.

A UFF se configurava pela organização em departamentos, cuja reunião estruturam as faculdades. Essas empreendiam esforços para a organização e reconhecimento dos seus cursos de Mestrados, recentemente organizados.

Logo que cheguei à Faculdade de Educação, pelas mãos de Paulo de Almeida Campos, fui bem aceita e convidada a dar umas palestras no Curso de Mestrado que ali ia sendo instalado. Em seguida, recebi o convite para assumir a Coordenação Pedagógica daquele curso, enquanto a diretora da Faculdade, Hilda Faria, continuaria na Coordenação Administrativa.

O quadro de professores era muito reduzido e com carências em sua titulação e disponibilidade de horário. Mesmo assim, minha memória ressalta a presença de Austa Gurgel, Cósimo Damiano Ávila e Paulo de Almeida Campos dentre outros que o tempo apagou de minha memória. Eram professores permanentes do curso. Então, fomos contratando outros professores, tais como: a Balina Belo Lima, da UFRJ; Paulo Vieira, Paulo Roberto Motta, da FGV; e Élide Singelman, do ISOP. Eram poucos os professores em tempo integral. A Capes enviou três professores americanos em tempo integral e, deles, só o Professor Turk permaneceu por mais que um ano. Conseguimos, junto a direção da Capes, bolsas para formação em nível de doutorado para três professores da UFF, que estavam concluindo o nosso mestrado. O Professor Jésus e o Professor Cósimo foram nossas indicações, que efetivamente fizeram jus às bolsas e concluíram o doutorado em universidades francesas.

Acompanhando o empenho pelo desenvolvimento das universidades brasileiras, que iam se complexificando e se fortalecendo pela sua participação qualificada nos debates nacionais, a UFF ampliava seus quadros e ia também se projetando na participação e criação de entidades científicas, como a ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação). Foi a UFF, por mim representada, uma das fundadoras da ANPEd. Nessa acumulação de esforços, empreendemos o processo de credenciamento do curso de mestrado em Educação com êxito.

Quando Jésus retornou da França, com seu Doutorado, indiquei-o para me substituir e fui, então, fazer o Doutorado. As lutas pela redemocratização se ampliavam e Jésus também ampliava sua capacidade gestora.

Jésus, aproveitando as tendências de redemocratização do Brasil, dinamizou o curso, ampliando o quadro docente com pesquisadores de talento e capacidade de projeção nacional, tais como Luis Antônio Cunha, Gaudêncio Frigotto e Nilda Alves.

Mas, não parou por aí. Sua contribuição se expandiu não só na gestão da Pró- Reitoria Acadêmica, como na Secretaria da Anped, com inconfundível empatia e coragem.

Certamente, sua força, que fugia ao padrão de discursos veementes e ordenações incontestáveis, ele se afirmava por seu estilo singular, estilo com que exercia suas funções magistralmente. Por isso, ele se faz exemplar e permanente vivo em suas contribuições às instituições que aprimorou, mas também em todos com quem conviveu.